

4

Entendendo os dois lados da questão: a ótica dos micro e pequenos empresários e a ótica dos moradores de rua e catadores de lixo

Nesse capítulo iremos analisar a ótica dos micro e pequenos empresários sobre os moradores de rua e dos catadores de lixo que circulam no Centro do Rio e a ótica dos moradores de rua e dos catadores de lixo sobre as ações dos empresários.

Para respaldar a nossa análise iremos recorrer a depoimentos de comerciantes, entrevistados nas reuniões do Pólo Novo Rio, que aconteceram em março e abril de 2007. Todos os componentes do Pólo se encontram quase que mensalmente. Não existe uma sistemática de trabalho, mas estão sempre procurando discutir estratégias para melhoria do entorno.

4.1

A ótica dos micro e pequenos empresários e suas ações

Para analisar a ótica dos micro e pequenos empresários e suas ações sociais participamos de seis reuniões, mas a nossa pesquisa se fixou nas entrevistas realizadas a partir da segunda reunião. Essas reuniões contavam com representantes das empresas associadas e com alguns convidados.

A seguir apresentaremos trechos dessas entrevistas que traduzem o pensamento de dois comerciantes sobre a realização de alguma ação social.

Depoimentos:

“A empresa tem para si a própria consciência da importância dela poder melhorar a comunidade. Cada um faz o que desejar como se existisse uma linha entre obrigação e favor. Ou faz ou não faz, tem que ser ali na hora”. ((entrevistado março 2007)

“A gente acha que a comunidade tem esse direito. A gente deve a essa comunidade”. (funcionário da empresa - entrevistado março 2007)

Mesmo considerando recorrentes os problemas da comunidade, as ações nem sempre acontecem de forma planejada, em geral, não são feitas avaliações adequadas e nem a divulgação dos resultados para obter ganhos de visibilidade. É interessante observar que alguns desses empresários são até contra a divulgação de suas ações e acreditam que não se deva ganhar em função da ação social que realizam.

Depoimentos:

“Acho errado divulgar. A filantropia tem que ter exatamente os critérios que a maçonaria tem. Essa mão, quando dá, a outra não pode enxergar. É ajudar ao próximo, não ficar falando, fazendo propaganda”. (Funcionário, entrevistado março 2007)

“Não temos comunicação dirigida. Nossa idéia é que as pessoas irão perceber as conseqüências dos benefícios de nossas ações”. (Empresário, entrevistado março 2007)

Os argumentos sobre a divulgação, ou não, das ações sociais das empresas se baseiam no temor de que ao se associarem a projetos motivados para promoção da marca a sociedade pode pensar que a empresar possa estar buscando visibilidade às custas de um problema social.

Uma demonstração disso é o fato de que o Manual do Sebrae e do Instituto Ethos ao apresentar os indicadores de responsabilidade social para micro e pequenos empresários. Este é um instrumento que poderiam trazer visibilidade, porém não é suficientemente conhecido e, portanto, não utilizado e nem compreendidos pela maioria das micro e pequenas empresas as quais, se quer , sabem de sua existência.

Entretanto, não se pode generalizar, existe um grupo de micro e pequenos empresários articulados e cientes de sua importância na produção da economia e no campo da ação social. Esses empresários participam ativamente do movimento de revitalização do Centro do Rio e entendem a ação social como algo que visem seus interesses, no caso o retorno financeiro. A realidade dos micro e pequenos empresários está baseada no aspecto econômico imediato e por isso tudo que não está em consonância ao negócio deve ser afastado ou excluído.

O projeto de revitalização das cidades afirma na prática o seu caráter contraditório ao propor um desenvolvimento voltado para o mercado e não para todos que ocupam a cidade. As empresas envolvidas sabem da importância e o valor do associativismo e tentam envolver a todos explicando como é importante buscar melhorias para atrair mais investimentos.

“O acesso ao o Governo Cesar Maia, foi facilitado através da interlocução com a subprefeitura. Então se eu tenho um problema específico vou direto à subprefeita Ângela e digo qual é o problema, aliás nas nossas reuniões eu sempre deixo claro o que eu penso, para todo mundo saber. Outro dia, na nossa reunião foi apresentado o projeto de iluminação para o Centro do Rio. Eu não me contive falei que isso era o *filet mignon* da proposta e que no momento perante tanta dificuldade eu acreditava somente em obter recursos para limpeza. Não sei se ela gostou, mas eu disse.”(entrevistado abril 2007)

“O governo tinha que mostrar credibilidade para poder receber do empresariado mais retorno e começarem a participar das nossas reuniões”. (entrevistado abril 2007)

Por parte dos empresários existe o interesse em buscar melhorias naquilo que lhe interessa, no entanto, falta o essencial que é a conscientização social de que qualquer que seja a melhoria proposta deve estar aliada ao debate e à aproximação criando alternativas que mobilize o município para solução de seus problemas; ou seja, o grande desafio está em como fazer com que a restrição dos serviços públicos, os privilégios, e a força do mercado, tão valorizadas na agenda política, consigam proteger e melhorar a qualidade de vida para todos.

Já que o grande problema dos empresários é a população de rua e os catadores de lixo, o que fazer com essa população? É certo que na medida em que a pessoa vá perdendo suas oportunidades ele é excluído e se torna parte população de rua. Ele, aos poucos, movido pela fome rompe a barreira e sai em busca de formas de produzir sua subsistência, ou seja, conseguem subsistência por meio do lixo, das esmolas ou como guardadores de carros.

Essa população andando pelas ruas descobre que são capazes de circular num mundo que não lhes pertence, mas que podem mobilizar as pessoas através da caridade e da esmola. Pouco a pouco percebem o lixo da cidade e passam da condição de meros pedintes a catadores. Inicialmente essa população busca alimentos e objetos, depois percebem que podem extrair uma renda com esse material e passam a ser coletores de vidros, plásticos, latas e papel acumulando, assim, matéria-prima para os estabelecimentos comerciais.

Os próximos depoimentos são de empresários e que exemplificam esta condição do moradores e catador de lixo:

“A rua era totalmente ocupada por mendigos, catadores e drogados. E era usada como estacionamento. O funcionário que saía oitavo da noite, corria o risco de ser assaltado. Você ia receber um cliente e ele dava de cara com um mendigo na sua porta. Eu tenho meu cliente para ser atendido, meu cliente passageiro, então eu quero tratá-lo da melhor maneira possível, já que eu dependo dele.” (entrevistado em abril 2007)

O morador de rua, tendo seu lugar de moradia começa a efetuar pequenos serviços como: lavar carros, vigiar carros, estes conhecidos por flanelinhas, outros se posicionados em algum semáforo mendigam e outros, ainda, se organizam para catar lixo. Em geral os membros se dividem em diferentes atividades.

A seguir veremos a descrição de um depoimento mostrando que tipo de ajuda os empresários costumam fazer: “A gente consegue ajudar, cooperar e trazer também uma certa simpatia dessa população para não nos incomodar.” (entrevistado em abril 2007)

“Tudo que sobra eu junto e faço uma doação, a pessoa daqui já sabe, pode vir no final do dia que eu ajudo, mas o compromisso é de que eles não aborrecam a minha clientela, tem dado certo e gosto muito de ajudar, fico muito feliz.” (entrevistado em abril 2007)

Os trechos reproduzidos mostram o argumento de que a ajuda pode trazer simpatia, tornando-os aliados como tentativa de que essa população não traga maiores inconvênios.

“Nós participamos de um mercado muito competitivo, numa cidade muito importante, e para nós é interessante que a cidade se desenvolva, porque nós trabalhamos com um produto que vem do desenvolvimento. Quanto melhor estiver a população, quanto melhor estiverem as ruas, mais as pessoas vão sair de casa, mais as pessoas vão querer curtir a *night*. Então no fundo, se tem sempre uma visão comercial que eu acho naturalíssimo. Melhorando a cidade no fundo, eu estou melhorando o meu negócio. Todo empresário tem que entender isso”. (entrevistado em abril 2007)

Outro aspecto que consideramos importante ressaltar é o pensamento dos empresários sobre as iniciativas coletivas para buscar soluções para os moradores de rua e catadores de lixo. É um segmento que não consome e no olhar dos micro e pequenos empresários, que conduzem o processo de revitalização no centro do Rio não agrega nada de positivo, por isso, não tem lugar para eles, pois compromete e inviabiliza qualquer boa aparência da cidade que deseja atrair negócios.

“Os moradores de rua e catadores de lixo são os nossos maiores problemas, na maioria das vezes estão drogados, cheiram “cola” a qualquer hora do dia e quando você vai falar com eles, normalmente são grosseiros. Além de darem uma péssima impressão para o local, muitas vezes são perigosos, porque são insistentes e inconvenientes. Se você está com algo que eles querem eles pedem grudam em você até você entregar.” (entrevistado março 2007)

“Não acho que vai ter um lugar para eles ficarem, porque quando nós conseguimos nos livrar de uma família, vem outra, vem outra e mais outra. Mesmo sugerindo que fiquem num lugar longe do grande movimento, eles até aceitam para dormir, mas quando acordam querem importunar, com a fala que é pobre coitado e precisam se alimentar.” (entrevistado março 2007)

Sabemos que há no centro da cidade várias instituições voltadas para a população vulnerável com práticas diversas, porém, pela atuação dessas instituições não tem demonstrado eficácia no enfrentamento das questões desse segmento, nem o empresário o reconhece como uma alternativa de encaminhamento, nem essas instituições vêem os empresários como aliado na geração de emprego. Nesse sentido, o trabalho de redes para formação de parcerias é importante para que as ações sociais se complementem e encontre uma solução digna para o encaminhamento das questões dessa população.

“Aqui no centro da cidade tem várias ONGs e é incrível que não conseguem dar conta dessa população mais carente. Eu mesmo busco sempre algo para melhorar o entorno. Aqui existe um projeto para atender as crianças de baixa renda com aulas de percussão, cavaquinho e violão é uma forma de oferecer mais condições a essa população tão precária. Ajudar as pessoas individualmente na porta de nosso estabelecimento é complicado sempre acaba em confusão. Os clientes não gostam de ver mendigo pedindo. Por isso, sempre procuro ajudar, mas através de algo que não parta do meu negócio. Por isso não atendo e não dou e nem compro nada que aparece aqui na minha porta. Pode ser o que for, acho que isso traz bagunça e incentiva ainda mais a marginalidade. Esse projeto de incentivar os empresários a investir nas cooperativas é o melhor caminho, porque aqueles que vivem na rua têm que entender que eles atrapalham e representam verdadeiro atraso para cidade. Se todos os comerciantes criassem dificuldade para o morador de rua e o catador de lixo eles iriam procurar as cooperativas, os abrigos, órgãos responsáveis para sua subsistência.” (entrevistado abril 2007)

“Os investimentos financeiros e sociais devem ser orientados para criar equipes, nas cooperativas e associações, para formação de catadores a valorizando essa profissão. A Comlurb passa sempre nos mesmos dias e nos mesmos horários, a orientação de que o material, os resíduos devem estar ensacados para facilitar a operação de coleta, é justamente nesse momento que o catador de lixo aproveita para se aproximar, rasga o saco de lixo, tira aquilo que considera e deixa uma imundice, não tem como evitar, o que poderia acontecer e deixar alguém tomando conta desse lixo, mas economicamente é inviável, os comerciantes já estão se organizando para as cooperativas virem buscar, mas não é fácil e o que eu não posso é armazenar esse lixo. Não temos como impedir essa situação.” ((entrevistado abril 2007)

“Sobre os moradores de rua não podemos pegar e colocar eles para fora e levá-los para outra rua menos movimentada. Se isso ocorrer nós seremos vistos como violentos, antipáticos, dando uma péssima repercussão.” (Representante do Rio Scenarium, abril 2007)

“Do lado da minha loja, tinha uma casa, um cortiço, com várias famílias, no final de semana eu, nem ninguém conseguia passar, faziam churrasco. Agora melhorou, muito, a casa foi vendida e posso abrir até no final de semana.” (entrevistado março 2007)

É possível observar um problema complexo o empresário que tem um estabelecimento na região se vê ameaçado e sente a impotência do governo, no sentido de lidar com este problema social. Essa impotência se manifesta por parte do Estado no sentido de se admitir famílias em tais condições, é a prova que falta uma política efetiva de inserção para reverter essa população da sua condição de miserável ou de vulnerabilidade social.

Além do visível mal-estar que representa a convivência com essa população de rua que se sustenta do lixo, há também um custo social que precisa ser considerado, principalmente, para o empresário estabelecido que depende do entorno para manter seu negócio. É necessário um entendimento que o retorno financeiro é importante, para sustentação do negócio, mas qualquer melhoria proposta deve ser para todos um encaminhamento digno que fortaleça a cidadania e a inclusão social, caso contrário a solução vai ser temporária porque os problemas, ou melhor dizer, os moradores de rua ou catadores de lixo vão sempre retornar trazendo o mesmo incomodo. Enquanto não houver medidas integradas da iniciativa privada do poder público e da população mais carente a solução estrutural não vai ser posta.

4.2

A ótica dos moradores de rua e catadores de lixo sobre os micro e pequenos empresários

Nos grandes centros urbanos que estão no foco das grandes rotas de migração, fica cada vez mais difícil a adoção de políticas públicas voltadas à inserção dessa população que fica e vive da rua. Segundo Ferreira e Machado (2003) isso se dá por quatro razões básicas: a violência, as drogas, o desemprego e a saúde.

Na violência estão incluídos todos os casos relativos à violência doméstica em suas várias formas: psicológica, física, preconceitos. Nesse item o alvo normalmente são as crianças e os jovens, que ao saírem de casa não conseguem se inserir no mercado de trabalho e acabam na rua.

Muitos dependentes químicos encontram na rua a liberdade desejada para manter o vício. Às vezes ainda se envolvem com o tráfico praticando pequenos furtos e não tendo que se adequar a qualquer tipo de regra, seja ela, familiar, de albergue ou de abrigos.

Nas questões da saúde se inclui a precariedade dos serviços, a família não tendo condições de cuidar do doente e acaba abandonando-o.

Com relação ao desemprego este é um fator decisivo que envolve aqueles que não conseguem gerar renda suficiente para atender suas necessidades básicas de moradia. Isto pode ocorrer por falta de trabalho ou qualificação. É comum encontrar trabalhadores que não têm dinheiro para retornar para casa e acabam dormindo na rua por um curto intervalo de tempo ou até encontrar trabalho. Podem nesse segmento aqueles egressos de instituições como, por exemplo, ex-detentos que encontram uma enorme dificuldade de integração e acabam tendo como única alternativa ocupações de baixa remuneração, sendo a vida nas ruas uma de suas saídas mais viáveis.

Essa população nem sempre consegue se beneficiar com algum tipo de benefício promovido pela ação pública. O governo alega que, primeiramente, devido à crise financeira não conseguem atingir a todos os que estão em situação de risco. A justificativa segundo Bursztyn e Araujo (1997), no livro da Utopia à Exclusão, é que este segmento dos moradores de rua e catadores de lixo se trata de uma parcela da população que é transitória e não permanece muito tempo no mesmo lugar, e a outra justificativa é o grande temor do governo que quanto mais eficiente for uma política de inserção, maior será a atração para os grandes centros.

A valorização do poder local conquistada no processo de municipalização permitiu mudanças no desenho das políticas públicas e já viabilizaram nos programas voltados para a promoção de ações integradas dirigidas aos idosos, crianças, deficientes e moradores de rua entre outros. Isso assegura de alguma forma um mínimo de subsistência às famílias de baixa renda, mas diante da falta de orientação ou mesmo do conhecimento dos critérios exigindo endereço e frequência do filho na escola muitos dos moradores de rua e catadores de lixo não conseguem ter acesso a qualquer benefício. Além disso, essa população encontra dificuldade em se beneficiar de programas, pois na maioria das vezes não conseguem atender às exigências. Vale dizer que quando conseguem o benefício, este não é suficiente para ir ao trabalho e voltar para casa, ou mesmo pagar o valor de uma moradia.

Para se estudar a população de rua e os catadores de lixo nos concentramos em algumas indicações da Associação São Martinho, que por ter acesso maior a essa população poderia nos orientar e facilitar a nossa abordagem inicial. Com o decorrer das entrevistas vimos que apenas estas indicações não eram suficientes, pois esta população encontra-se em toda parte do Centro do Rio, e é de fácil acesso. Foram realizadas dez entrevistas com moradores de rua e catadores de lixo que puderam dar um panorama de como é o dia-a-dia desse público. Tentamos também indagar como é percebida por eles revitalização do Centro do Rio a partir das ações sociais das micro e pequenas empresas.

A seguir analisamos as entrevistas realizadas com a população de rua e catadores de lixo do entorno das empresas pertencentes ao Pólo. Os entrevistados compõem um grupo de pessoas com idade de 28 a 45 anos, seis entrevistadas vieram do Nordeste e quatro nasceram no Rio e trabalhavam em empresas da localidade e devido ao desemprego foram morar na rua, ou, no trabalhar como catador de lixo. Quanto ao restante não obtivemos resposta para tal pergunta. Sobre o tempo que estão vivendo na rua, todos dizem que estão na rua há menos de um ano e meio. Podemos afirmar que as pessoas entrevistadas não nasceram na rua, já tiveram famílias ou as tem ainda e alimentam a esperança de um dia ter um emprego e sair das ruas.

A fala a seguir é de um morador de rua entrevistado e foi o primeiro depoimento que colhemos dentro da Associação São Martinho. Esse morador utiliza as instalações da instituição para se higienizar. Assim, perguntamos há

quanto tempo ele morava na rua e como era seu dia-a-dia. A sua resposta foi que estava naquela vida há bastante tempo, esperava ajuda de um irmão que está muito bem de vida e logo acrescentou suas dificuldades por falta de privacidade:

“É horrível, a gente sente vontade de ter relação sexual com a mulher da gente mas, todo mundo fica olhando. Eles até não atrapalham mas ficam olhando mesmo assim, não quero perder esse lugar. Estou esperando meu irmão que vai me tirar daqui quando souber das minhas dificuldades. Agora, enquanto isso, me viro como posso e aqui é o melhor lugar para eu ganhar meu din-din”. (Pedro, morador de rua, 2007)

A vivência íntima acontece na própria rua e muitas vezes, apesar do risco diário e das disputas pelos melhores locais, o espaço público se transforma num espaço de acolhimento e solidariedade. Nesse caso, não é apenas a rua que vira casa mediante a uma apropriação coletiva dos moradores em suas relações cotidianas, ao contrário, a rua se transforma, precária e provisoriamente, em um local das sociabilidades, normalmente, reservadas ao âmbito da esfera íntima por aqueles que usam a rua como único espaço de moradia. Quando se vive do lixo ou da bondade se vive numa condição provisória. A estadia na rua é sempre marcada pela instabilidade e pela violência.

A qualquer momento pode acontecer algo que tire esse indivíduo da rua, definitivamente. Para onde, não se sabe, porque os abrigos não estão preparados para recebê-los, uma vez que, não oferecem condições para mantê-los. As esperanças de fixarem moradia em outro local podem até ser grandes, mas as chances ainda são pequenas. (Bursztyn e Araujo 2004)

Em outro caso encontramos uma mulher usando uma vassoura e uma pá de lixo para limpar o chão. O local parece limpo. Os garis limpam o entorno, mas não são muito cuidadosos.

“As pessoas disseram que este lugar cheira mal, mas não é verdade. Ou melhor, são os jovens baderneiros, que fazem bebedeiras aqui, eles são os que mais sujam. A polícia disse que eles não causam problemas (...). Por isso, logo, logo vou arrumar outro local para ficar, *sic*”. (Maria de Fátima, moradora de rua, setembro 2007)³⁰

Os moradores de rua, na maioria das vezes, são vistos como parte do conflito, são considerados cúmplices e vítimas da violência presente em seu

³⁰ Ela vive com sua família: marido, irmã e dois filhos há mais de um ano nas ruas.

cotidiano. Mesmo assim, é raro encontrar discursos de indignação por parte dos moradores de rua e catadores de lixo em relação os abusos sofridos.

Nesse sentido, pode-se dizer que a exclusão social não pode ser reduzida apenas a exclusão econômica, ela também abrange a exclusão moral e a cultural. No caso dos catadores e população de rua estes seriam mais que miseráveis econômicos, seriam miseráveis sociais e culturais. A sociabilidade acontece a partir do que se consegue no momento, ou, no dia-a-dia, parece existir uma hierarquização das relações a partir do acesso mínimo aos recursos. Isso quer dizer que aqueles que estão localizados em locais onde há abundância de lixo podem ser considerados em uma posição melhor, uma escala superior, aos que ainda não conseguiram se fixar em algum local de visibilidade.

Perguntamos aos moradores de rua e catadores de lixo sobre como eles se relacionam com o empresário da localidade e se eles percebem alguma alteração na cidade nos últimos tempos. Nossa intenção era verificar como está sendo percebido por essa população o processo de revitalização. Porém as respostas nem sempre foram claras, dando a entender que existe um distanciamento desses em relação ao processo em curso.

“Não conheço nenhuma empresa querendo ajudar, dando um prato de comida, normalmente nos querem ver longe. Hoje em dia o mais comum é cada empresa coloca seu segurança e quando nos aproximamos nos expulsa. Por vezes, as pessoas querem até ajudar mas, os seguranças não deixam”. (Edenilson, morador de rua e catador de lixo, novembro 2007)

“Nosso modo de trabalho incomoda muito os comerciantes, nós mexemos no lixo deles. Aquilo que nos interessa colocamos no nosso carrinho e saímos por aí, até ter uma quantidade boa para vender é cansativo mas, guardar carro também. A competição é enorme às vezes temos que dar comissão para aquele que “cuida” e explora o local.” (Marcio Valério, catador de lixo, novembro 2007)

“Sei que emprego com carteira assinada é muito difícil, mas um dia vou conseguir. As empresas parece (sic) que tem medo da gente, por isso não querem nem saber. Com carteira assinada você, mesmo no dia que você for mandado embora do serviço, você tem direito de defesa, você tem um fundo de garantia que você vai ter, você tem um auxílio desemprego que ajuda assim tipo durante uns cinco meses. Isso ajuda muito. Eu perdi isso, se eu pudesse eu voltaria atrás, porque aqui na rua fazemos coisa que até Deus duvida.”(Marildo, morador de rua, novembro 2007)

Podemos dizer que são profissionais que estão em busca de um trabalho e que desejam sair da condição que se encontram. É uma população nômade que está sempre se deslocando de um bairro a outro. Fica claro que os moradores de rua e catadores de lixo não fazem parte do espaço, são indesejáveis. Para

sobreviver na rua eles devem lutar para manter sua estadia, o seu instrumento de trabalho, que geralmente é uma carroça, e garantir sua subsistência. Esses depoimentos revelam uma situação limite que envolve o poder público e a tolerância dos empresários

O comportamento dessa população incomoda quando o lixo é manipulado na porta dos prédios e dos estabelecimentos comerciais, quando o mendigo pede esmola. Na visão dos empresários essas pessoas criam situações desagradáveis que afastam os freqüentadores que circularem nos locais.

Esse é o ponto de vista dominante entre os empresários explicando a natureza repressiva da intervenção patrocinada pelo o Estado ou alguns representantes da sociedade junto a este segmento. As formas de repressão são desde o uso da força física até a sua negação por meio da percepção dos mesmos.

“Nunca sei qual resposta vou encontrar. Se falo bom dia, posso ter resposta ou não, na maioria das vezes não tem retorno. Por isso fico com raiva e me dá um desespero”. (Jailson, morador de rua, novembro 2007)

“Cada vez que eu vou vender minha mercadoria, fico com medo, porque muitas vezes algumas pessoas me ameaçaram, me dizendo que aqui não é lugar para este tipo de coisa. Eles jogaram meu carrinho. Por sorte o rapaz daqui, Associação São Martinho estava lá e me ajudou. Um dia, a cooperativa daqui do Centro estava fechada. Eu fiquei aqui esperando, não tinha outro lugar para ir sem o dinheiro que recebo das vendas.” (Carlos, catador de lixo, novembro 2007)

“Esta cada vez mais difícil ficar na rua tem sempre que ficar perto de alguém, me juntar a um grupo se não acaba sofrendo ameaça, o tempo todo, e não consigo dormir, eles pensam que somos nada, podem chegar e chutar, as vezes e até os freqüentadores desse local quando nos vê fazem maldade.” (Edmar, catador de lixo, novembro 2007)

Num dos edifícios na esquina da rua Almirante Barroso, debaixo de um prédio abandonado, moram algumas famílias, que à noite dividem o espaço por lençóis, panos e plásticos pendentes por cordas e ocupando quase toda a esquina. Fomos até lá conversar com eles e que nos disseram:

“Moradores aqui, somos num total 18 pessoas, mas ultimamente, à noite, aparece muito mais gente que tem que se arranjar por onde der, explica J. Sentado numa cadeira, conta a sua história com tranqüilidade. Estive num abrigo, mas me despejaram e logo me meti numa briga e parei aqui. Hoje divido o espaço com minha companheira. Não há brigas, nem nada desse tipo. Às vezes discutimos sim, mas como acontece com qualquer outro.” (Carlos, morador de rua, novembro 2007)

Perguntamos como era o cotidiano de quem recebe ajuda. Nossa intenção com essa pergunta foi saber se quem os ajudava era alguma empresa ou instituição.

“Cada um tenta viver como pode. Uns saem à procura de trabalho, outros a pedir esmola e catando lixo. Trabalho é mais difícil, mas, de vez em quando ajudo estacionar os carros. Não sei se consigo ficar muito tempo aqui, quero outras coisas. Para mim, depende de como está meu ânimo. Se estou deprimido, vou à praia. Se eu estiver bem saio pela cidade, vê se encontro alguma coisa. Ajuda de alguma empresa não encontro não o mais comum é encontrar policiais querendo se livrar da gente.” (Wando, morador de rua, novembro 2007.)

Consideradas essas características constatamos que, dentro do projeto de revitalização existe certo favorecimento do que os empresários que consistem em apoiá-los naquilo que consideram importante, que é afastar tudo que seus clientes não desejam olhar, ou seja, são as mazelas produzidas pela nossa sociedade. Por isso propõe ações de expulsão e repúdio à população que vive nas ruas.

A caridade ainda faz parte das iniciativas de alguns, porém, viver apoiado nessa condição não traz dignidade nem segurança como podemos ver no próximo depoimento:

“Nem todos ajudam, a maioria vira a cara fingindo que não vê, agente fala pede e nem olham, parece que somos invisíveis. Nós somos trabalhadores não roubamos, poderíamos roubar sim, mas não, estamos aqui arrumando um trabalho aqui outro ali.” (Maria de Fátima, moradora de rua, setembro 2007)

Na verdade, eles já fazem parte do cenário da cidade, eles incomodam sim, mas não deixam de existir e como as políticas públicas não conseguem propor alternativas que os mantenham afastados, eles ficam excluídos e se tornam indesejados.

Esse descaso social não é algo recente, sempre foi um elemento presente no cenário urbano. A rua se torna a casa e local de trabalho para muitos e a grande causa disso é a falta de condições de sobrevivência através de uma inserção social pelo trabalho.

O depoimento abaixo representa uma reação de poucos que vivem na rua, traduz um sentimento de gostar de morar na rua mesmo diante da violência diária. O entrevistado diz atraído pelas possibilidades de descobertas que o dia-a-dia na rua pode oferecer:

“Morar na rua é melhor coisa do mundo, toda hora tem alguma coisa para se ver. Sei que é uns locais arriscados, perigosos a qualquer momento pode chegar a polícia e bater na gente, querer tirar a gente daqui por nada, mas só me sinto bem nesse lugar e não adianta me levar para outro lugar que eu volto.” (Anderson, morador de rua, novembro 2007)

Alguns moradores de rua pela convivência diária sabem lidar e conhecem muito bem os problemas da rua. Dessa forma os proprietários do local, também encontram saída para lidar com esses meninos. Para garantir que os freqüentadores não sejam importunados assumem a contratação de segurança privada garante um controle ostensivo e agressivo sobre a movimentação dos moradores de rua.

“Esses seguranças contratados são muito marrento, quando chegam é para bater, disfarçam quando tem alguém por perto, mas basta estar sozinho com eles vão logo agredindo querendo a gente longe, não adianta eu saio na hora, mas logo retorno. É difícil administrar as brigas que acontecem como moramos todos juntos às vezes a briga é por causa de um cobertor ou mesmo, um pedaço pequeno do chão. Só besteira mas, na hora é serio.” (Pedro, morador de rua, setembro 2007)

A população que vive nas ruas cria suas próprias hierarquias a partir do espaço ocupado. Isso acontece através de disputas rigorosas pelas zonas mais ricas. Estas são aquelas onde há maior concentração de comerciante, por isso são mais cobiçada é como se cada ponto do Centro do Rio tivesse um dono, que deve ser respeitado.

“Meu local é aqui na Lapa mesmo. Aqui todos já me conhecem e me respeitam, eu e minha família, por enquanto vou ficando por aqui não vejo com mudar essa vida. Lá sei de empresa, eles querem agente bem longe. Às vezes acho graça e as vezes fico com raiva porque não querem nem saber. Quando a pessoa chega a morar na rua, tudo parece interessante, mas depois descobre que toda localidade tem seu código e dominá-la ou entendê-la não é fácil e só fica mesmo aquele que consegue se inserir em algum grupo, ter uma boa aceitação para manter uma convivência de proteção, solidariedade e sobrevivência. Essa busca de apoio em um grupo funciona como estratégia de resistência.” (Edmar, morador de rua, novembro 2007)

Nesse depoimento percebemos uma consciência que as chances de sair da rua são poucas, visto que, conseguir um trabalho não é nada fácil, ainda mais, considerando que todos têm aparência e hábitos de quem mora na rua. Um trabalho de abordagem de sensibilização é necessário, por isso qualquer projeto de inclusão social é importante considerar as dificuldades que são intrínsecas a essa condição.

Porém, em qualquer ação social que se inscreva, nesse contexto, o reforço das iniciativas dos empresários é importante, já que são atingidos tão diretamente por essa população. Criar estratégias de organização e conscientização através das cooperativas que visem envolver essa população de rua através do trabalho contínuo parece ser um bom encaminhamento. O projeto “Jogue Fora Limpo” tem essa expectativa de melhorar as condições dessa população, porém, como não foi colocado em prática não existe nenhum impacto a esse segmento.

O catador de lixo que fica na rua tem uma imagem que por si só é agressivo, são sujos e usam até pouca roupa, por isso esse não é o alvo dos empresários, como já mencionado, no capítulo anterior, trata-se das ações do catador trecheiro, que está longe de ser incluído em alguma estratégia de desenvolvimento ou acolhimento para definida pelos empresários.

Não podemos desconsiderar a atitude dos empresários que conceberam o projeto “Jogue Limpo Fora” como um instrumento de atuação junto aos catadores de lixo.

O lixo ou o resíduo sólido aumenta na medida em que a urbanização se reafirma. O destino desse lixo passou a ser algo que toda sociedade deve pensar. As contradições existentes no trabalho dos catadores de lixo, por exemplo, a mão-de-obra explorada e muitas vezes em condições desumanas, pode ser fundamental para a nossa sociedade sendo responsável, tanto, pelo resgate ambiental de materiais reaproveitados que podem retornar à vida do consumo, como também, permitir aqueles que vivem desse trabalho a obter sobrevivência gerando renda.

Nesse sentido, podemos constatar que milhares de trabalhadores informais geram para a sociedade um benefício considerável que não é visto como legítimo, mas que nos dias atuais seria importante um novo olhar, um olhar de inclusão social.

Ao tentar saber através de uma cooperativa no Centro da cidade qual a importância do catador de lixo; a resposta encontrada foi que custa menos usar o trabalho dos catadores, pois estes já batem o papel e como tem experiência são rápidos na coleta.

Sr. Adelmir, um representante de um centro de reciclagem, cooperativa localizada no centro do Rio, nos informou que já foi procurado por um grupo de empresários do Pólo e que estão pensando em montar um galpão na zona portuária e organizar uma cooperativa grande com cursos e dormitórios para

descanso. Ele afirmou que muitos catadores depois de um dia cansativo de trabalho não conseguem ir para casa, por isso eles tem que sempre oferecer um dormitório, além de oferecer alimentação: café da manhã, almoço, lanche e jantar.

A vida do catador é muito sacrificada, a maioria mora em péssimas condições, não tem dinheiro para alugar um local decente com esgoto e saneamento básico, por isso precisam de apóio. Hoje o espaço da cooperativa é alugado, por isso hoje não pode oferecer muita coisa, só tem quatorzes catadores, mas, ele acrescenta que o trabalho faz diferença, seja para o meio ambiente, para a comunidade e, também, para a cidade, porque cada material que sai de uma empresa e vem para a cooperativa não está indo para o aterro.

O catador organizado consegue tirar por semana de trabalho, trabalho duro e pesado, até oitenta reais. No momento, a expectativa de todos gira em torno do decreto do governador, visando que as empresas públicas doem o material reciclável para as cooperativas legalizadas. Essa medida deverá contribuir para fortalecer as cooperativas e melhorar as condições de trabalho do catador, com equipamentos de segurança, luvas, máscaras e outros.

Ainda, segundo o Sr. Adelmir, para agilizar o trabalho de retirada do lixo os empresários já separam os resíduos para o catador ir ao local, mesmo sendo de difícil acesso, e pegar esse material. A organização da cooperativa exige a escolha de um dia para cada material como: papel, plástico e vidro, para facilitar a seleção e ficar mais fácil a comercialização. Assim, cada família tem que ter um pequeno cercado, uma espécie de chiqueirinho, para cada tipo de material para evitar o mofo e a umidade que compromete o produto na hora da pesagem.

O sonho de todo catador é adquirir o seu veículo, o que certamente vai representar um aumento de sua renda, pois para uma maior produtividade no trabalho do catador, ele depende da capacidade de transporte e de um maior número de membros da família trabalhando.

“Quem não presta aquele que bebe, se droga e quando recebe alguma doação faz tumulto, estes não querem melhorar. O trabalho é muito duro e cansativo, nunca paro de trabalhar as vezes até a noite, aproveitando a tranquilidade da noite.”
(Maria de Fátima, catadora de lixo, setembro 2007)

É uma população sofrida que está submetida a um crescente processo de pauperização, não encontrou seu lugar no mercado de trabalho e no espaço da cidadania, no cenário da cidade a sua marca é a discriminação e a exclusão.

Por isso, ao considerarmos a crise do emprego, a precarização do trabalho, onde cada vez mais fica evidente que não há oportunidades para todos, mesmo no universo das micro e pequenas empresas, que têm uma capilaridade maior nos locais e mesmo com o processo de revitalização das cidades a possibilidade de um emprego formal é bastante reduzida.

Podemos valorizar as iniciativas dos catadores de lixo e valorizar essa atividade como frente urbana de trabalho como se refere Pochman (2001. p.129) que concilia o interesse da iniciativa privada e este segmento carente. O lixo da cidade passa a ser o elo estrutural que une o catador à cidade, e faz com que o morador de rua passe, da condição de pedintes a catadores de lixo.

É importante que as cooperativas não reproduzam o modelo exploratório de favorecer apenas um dono, mas, sim tenha o compromisso com o protagonismo do catador, que deve valorizar e oferecer boas condições de trabalho. Essas organizações devem fortalecer os grupos de catadores na busca de quantidade, qualidade e frequência que são imposições do mercado de reciclagem para buscar melhores preços.

O caráter contraditório do projeto de revitalização na prática se revela excludente por não atingir a todos que ocupam a localidade. A tônica que a cidade é uma mercadoria de prateleira impõe que as elas sejam estruturadas a partir daqueles que consomem, e estes terão sempre seus espaços garantidos e os demais na ótica dos empresários devem ser expulsos e afastados, pois são considerados os indesejáveis por representar a miséria, a pobreza e tudo aquilo que uma cidade grande, num país cronicamente marcado pela desigualdade, possui.

O segmento: moradores de rua e os catadores de lixo, realmente, traz tudo aquilo que as pessoas no seu momento de lazer não desejam ver, a saída encontrada na maioria das vezes é a contratação de profissionais para afastar o trabalho deles, como se fosse possível, já que sabemos que é um problema estrutural do próprio capitalismo que não consegue, ou, que não é organizado para incluir a todos. Por isso, o grande desafio é fazer como essa população pode usufruir do projeto de revitalização.

As ações sociais dos micro e pequenas empresários não conseguem se desvincular da ênfase das ações imediatas voltadas diretamente para o negócio e as instituições e ONGs da localidade, mesmo tendo sua ação voltada para população de vulnerabilidade social, não conseguem apresentar eficácia em suas

ações, o trabalho fica muito restrito a qualificação e logo, pelo grande quantitativo e pela limitações próprias não conseguem escoar ou local que aproveite essa mão de obra. É visto assim, que o trabalho de redes para formação de parcerias em muito iria contribuir para o desenvolvimento desse segmento que fica a margem da sociedade por falta de uma política efetiva de geração de emprego e renda.

Para finalizar esse capítulo, ressaltamos que uma política de geração de emprego e renda é fundamental no projeto de revitalização. Para isso, é necessário que as empresas privadas e envolvidas com o desenvolvimento local, diretamente, junto com Estado e as cooperativas organizadas e voltadas para os catadores e as ONGs que atuam com esse segmento formem uma grande rede para fortalecer parcerias comprometidas com o desenvolvimento humano e não só com o desenvolvimento financeiro, assim, o encaminhamento dessas ações. A solução não será a expulsão ou o afastamento desse segmento dos grandes centros urbanos, mas sim um encaminhamento digno para a solução dos problemas apresentados.